

Memória e oralidade, sementes da educação africana plantadas na diáspora

Madelyne dos Santos Barbosaⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Eden dos Santos Barbosaⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

José Gerardo Vasconcelosⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O presente texto é um recorte da tese de doutorado que se encontra em construção que trata da educação presente no ritual de iniciação do Candomblé. Versando o Candomblé como uma religião que nasceu da tradição oral e que hoje se preserva por meio dessa mesma tradição que é ensinada e mantida nos templos religiosos. Desta forma, o presente texto tem como temática a oralidade africana enquanto forma de ensinar e aprender. Pode-se perceber no decorrer do texto que a semente da oralidade e da memória se plantou na diáspora e hoje ela é a ferramenta do ensino em templos religiosos afro-brasileiros, a tradição oral resistiu, resiste e ensina sobre as histórias e culturas ancestrais africanas.

Palavras-chave: Tradição Oral. Educação. Candomblé. Diáspora.

Memory and orality, seeds of African education planted in the diaspora.

Abstract

This text is an excerpt from the doctoral thesis that is currently under construction which deals with the education present in the Candomblé initiation ritual. Viewing Candomblé as a religion that was born from the oral tradition and that today is preserved through the same tradition that is taught and maintained in religious temples. Thus, this text has as its theme the African orality as a way of teaching and learning. It can be seen throughout the text that the seed of orality and memory was planted in the diaspora and today it is the teaching tool in Afro-Brazilian religious temples, the oral tradition has resisted, resists and teaches about ancestral African histories and cultures.

Keywords: Oral Tradition. Education. Candomblé. Diaspora.

1 Introdução

O texto que segue é fragmento dos procedimentos de pesquisa e estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará durante o período de doutoramento que ainda encontra-se em curso. De tal modo, a tese que se encontra em

construção trata da educação presente nas comunidades-terreiros afro-brasileiras, especificamente, no ritual de iniciação do Candomblé. Compreendendo o Candomblé como uma religião que possui elementos das múltiplas tradições africanas que foram trazidas ao território brasileiro sob o flagelo escravista.

Dentre as tradições que fundam e fomentam o Candomblé, a tradição oral é o veículo de transmissão e difusão da memória ancestral dos africanos e africanas na diáspora. Assim, o presente texto tem como temática a oralidade africana enquanto forma de ensinar e aprender. Compreendendo, desta forma, que a oralidade africana chega em terras brasileiras com a escravidão e é, pela forma oral, que se mantém como forma viva de memória e resistência ancestral daqueles que tudo tiveram subtraídos através de duros golpes, não apenas com os açoites, mantiveram suas tradições ao longo dos tempos seguintes, utilizando formas de sobreviver ao holocausto que a escravidão na colônia impunha.

O artigo objetiva tecer uma linha de raciocínio que possibilita a compreensão da importância de uma educação que se legitima com tradição oral e constrói desta forma, a manutenção da memória afro-brasileira. Percebendo que na oralidade e na memória africanas estão as ferramentas principais para o ensino e perpetuamento dos elementos culturais da cultura afro-brasileira na sociedade brasileira. Assim, fundamentamos o estudo na relevância deste saber, na necessidade de conhecimento e difusão das culturas afro-brasileiras.

2 Metodologia

O artigo carrega consigo a metodologia da tese de doutoramento, uma vez que o presente texto se constrói dentro de um estudo cada vez mais amplo e atualizado.

Como mencionado anteriormente, a tese de doutorado em curso parte da análise de como ocorre o processo de iniciação religiosa no Candomblé, ancorada na perspectiva dos iniciados, identificando nos processos religiosos de iniciação no Candomblé, a chamada “Feitura de Santo”, quais as práticas educativas que modelam àqueles que, na religião, se iniciam para uma nova vida em sociedade.

O estudo utiliza como estratégia de pesquisa a Pesquisa-ação fundamentada por Thiollent (2011), que considera os sujeitos possuidores de algo a dizer e fazer. A pesquisa possui desta forma um propósito que transcende a uma dinâmica de levantamento de dados e à produção de relatórios por esse motivo, enquadrado na estratégia de pesquisa-ação, pois nela se insere o meu direcionamento ativo, enquanto pesquisadora na realidade dos fatos observados.

3

A pesquisa de doutoramento usa enquanto método de abordagem o estudo de caso múltiplo etnográfico com enfoque na educação. Pode-se compreender que os casos de iniciação religiosa pesquisados são, sobretudo, fenômenos educacionais e sociais, em que as singularidades de cada um dos 4 (quatro) sujeitos da pesquisa é considerada e tratada pelos fundamentos etnográficos de forma atenciosa e sensível. Na educação os estudos de caso múltiplos são considerados uma metodologia ampliada dos estudos de caso únicos, a preferência por estudos de caso múltiplos é por produzirem um efeito comparativo na pesquisa ressaltando intersecções, similaridades e particularidades de todos os participantes da pesquisa.

O instrumento de pesquisa utilizado para a construção dos dados foi a entrevista com perguntas abertas, para Yin (2015) a entrevista é uma das fontes de informação mais importantes para o estudo de caso. No caso desta pesquisa, não se trata de entrevistas estruturadas, mas sim de entrevistas em profundidade, conversas guiadas com os sujeitos colaboradores da pesquisa que narram aspectos de sua iniciação no Candomblé.

3 Resultados e Discussões

Um dos maiores referenciais da utilização da oralidade e da memória africana são os templos religiosos afro-brasileiros, todavia é importante que esses espaços religiosos possam ser considerados também em seus aspectos culturais, históricos e de educação.

Assim, é sabido que os sistemas religiosos são, sobretudo sistemas culturais, portanto, a religião afro-brasileira é um sistema religioso e cultural que se

alimenta e se difunde por meio da oralidade. A tradição oral é a âncora da religião que semeia seus princípios vindos da cosmovisão e mitologia africana perpetuada pela memória dos mais velhos na religião.

À nível de entendimento e definição, pode-se dizer que o Candomblé é uma religião brasileira de matriz africana, ou seja, uma religião que nasceu no Brasil com as tradições culturais, étnicas e religiosas ancestrais dos africanos e africanas que aqui chegaram sob a condição de escravos.

As tradições africanas na diáspora se mantiveram da mesma forma que sempre se mantiveram no berço africano, por meio da oralidade. A tradição oral foi a semente da educação plantada na diáspora. Um dos fatores que asseguraram a potência desta transmissão é que de toda região compreendida da savana até o Sul do Saara o ato de falar e a palavra falada assumiam valores morais, sendo considerados a origem da força divina e oculta de diversas etnias. Por meio da palavra dita poderes mágicos eram acessados, assim, devia ser utilizada com moderação e comedimento (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Segundo esse autor, na África os ofícios não eram aprendidos em escolas, as técnicas para determinadas funções eram aprendidas com os mais velhos, que dispensavam a utilização de livros, manuais ou salas de aula, a transmissão dos conhecimentos se baseava na oralidade. Somente por meio de um sujeito que fala (ensina) e outro sujeito que escuta e observa (aprende) que as tradições se mantinham vivas.

Desta forma, o principal vetor educacional e de transmissão de conhecimentos históricos e morais é a tradição oral, que tem sua fundação nas experiências vividas em comunidade, tribo ou família e assim, modela e educa homens, mulheres e corpos africanos.

[...] o ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A cada lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança (HAMPATÉ BÂ, 2010 p. 183).

Ao ensinar um ofício, ensina-se algo que será de utilidade para a vida em sociedade, e ensina-se também sobre tradição, costumes, ancestralidade e fé. Nas tradições africanas a oralidade permite uma jornada binária do educando entre o caminho espiritual e material, pois a oralidade abrange todas as nuances do viver em comunidade e que recria a unidade primordial africana:

5

A tradição oral é a grande escala da vida [...] Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. [...] Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (HAMPATÉ BÂ, 2010 p. 169).

A Unidade primordial está relacionada a um conceito de comunidade e tribo, a essência que os criou e os mantém vivos em grupo e ativos na tradição. Todavia, a tradição africana volta-se principalmente para a formação humana, formar homens e mulheres uníssonos. Eis a Unidade primordial africana, a formação humana para uma vida em tribo ou em comunidade.

Por essa razão a tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de saberes de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de homem. (HAMPATÉ BÂ, 2010 p. 190).

Hampaté Bâ (2010) argumenta sobre existência de uma grande distância entre a educação ocidental e a educação orientada pela tradição oral. Para esse autor, a principal diferença entre ambas se pauta na aplicabilidade e utilidade do que se é aprendido.

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras sagradas; o contato de aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto. (HAMPATÉ BÂ, 2010 p. 190).

Para isso, a tradição oral empodera o educando com um conhecimento que poderá ser agregado na sua vida em sua totalidade, uma vez que a educação

volta-se, no caso destacado, para a iniciação do educando em uma casta ou em um ofício específico.

A tradição oral se fundamenta na memória. A lembrança dos registros históricos que fica guardada na mente, e a memória de quem recebe tal tradição como ensinamento é o que mantém viva a tradição. Hampete Bâ (2010, p. 207) sobrepõe o seguinte: “Entre todos os povos do mundo, constatou-se que os que não escreviam possuíam uma memória mais desenvolvida.” Isso está relacionado ao fato da atenção que é dada a quem narra e a importância atribuída à tradição que permeia a narrativa.

6

Uma das peculiaridades da memória africana é reconstituir o acontecimento ou a narrativa registrada em sua totalidade, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo no presente. Não se trata de recordar, mas de trazer ao presente um evento do passado do qual todos participaram, o narrador e sua audiência (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 208).

Deste modo, os escravizados que aqui chegaram trouxeram consigo suas tradições aprendidas guardadas com a força e o afeto da memória. Em contrapartida, o Brasil colônia, escravista não poupou esforços para submeter os povos africanos escravizados à aculturação portuguesa e à doutrinação cristã impostas no Brasil colônia.

[...] no caso da educação instaurada no âmbito do processo de colonização, trata-se, evidentemente, de aculturação, já que as tradições e os costumes que se busca inculcar decorrem de um dinamismo externo, isto é, que vai do meio cultural do colonizador para a situação objeto de colonização. (SAVIANI, 2013, p.27).

Deste modo, pode-se dizer que os povos africanos trazidos para o Brasil passaram também por uma ampla, e forçada, mudança na forma de ensinar e aprender. Antes a sua educação era a tradição oral, com a escravidão e a chegada no Brasil sua educação passou a ser a do flagelo e dos maus tratos da escravidão.

O marco dessa transição do modelo educacional outrora de tradição oral africana, seguida no Brasil colônia de doutrinação cristã e escravista, configura-se como um processo invasivo de aniquilamento dos costumes e tradições, tal

processo de educação buscava dissociar a memória e a tradição dos povos africanos, produzindo assim, um novo corpo, por meio do batismo, seguindo o rito dos missionários cristãos, uma nova identidade, submissa, calada e invisível.

Nesse sentido, Paulo Freire (2015) lembra que a educação quando não é dialógica, ela passa a ser marcada por aquilo que o autor chama de invasão. Essa invasão é feita por um sujeito que invade e um sujeito que é invadido. Quem invade, se apropria de um agregado histórico e cultural, coloniza a visão de mundo, domina o sistema de valores e a tradição dos invadidos. Desta forma, os africanos e africanas no Brasil foram invadidos educacionalmente desde o primeiro momento que aqui estiveram.

Dermeval Saviani (2013) tece elementos sobre a colonização e a educação no Brasil, argumenta que em 1549 os primeiros jesuítas chegaram com a missão de converter os gentios, doutriná-los e ensiná-los na fé católica.

Nesse sentido, Barros, Pequeno, Pederiva, (2018) destacam que a aculturação feita pelos povos portugueses aos povos africanos no Brasil era um processo despido de humanidade e violento em sua essência. Não obstante, pode-se observar que os resquícios dessa aculturação ainda são encontrados na escolarização da contemporaneidade, uma vez que os elementos fundantes das matrizes africanas no Brasil aparecem como conteúdos pontuais ou alegóricos.

Seja em escolas de comunidades quilombolas, seja em escolas convencionais em que pessoas adeptas de religiões afro-brasileiras estudam, suas culturas, raízes e tradições não são pauta, não são conteúdos e continuam a ser invadidas por uma educação colonial nos moldes europeu.

[...] as culturas populares, povos e comunidades tradicionais sentem os processos de escolarização do conhecimento como parte dos processos colonizadores, que sequestram costumes e tradições, fragmentam identidades, e que pretendem, dessa maneira, aniquilar o humano de suas comunidades, desvinculando-as de seus processos histórico-culturais, seus laços ancestrais, sua memória, para impor-lhes uma nova história, uma nova memória, uma nova identidade, trazendo-lhes para o lugar onde suas vozes não seriam escutadas, onde seriam instrumentos de trabalho e, desconsiderada sua humanidade (e portanto seus direitos), seriam então invisíveis (BARROS; PEQUENO; PEDERIVA, 2018, p. 3).

A doutrinação cristã tentou arrancar do povo africano os signos de sua cultura mas não conseguiu, mesmo com o flagelo da escravidão legitimada pela religião e o racismo dos colonos, a educação jesuítica buscava de forma planejada e sistemática apagar a memória e calar a tradição oral, que naquele momento do açoitado sobrevivia, em silêncio, invisível aos olhos do seu algoz.

8

A própria prática da tradição oral tornou-se resistência aos processos de colonização. O conjunto de características mencionadas, a sua possibilidade de prática combativa à opressão, e a sua atuação na constituição humana das pessoas são referências fundamentais que cruzaram o Atlântico para embasar a tradição oral de matriz africana no Brasil (BARROS; PEQUENO; PEDERIVA, 2018, p.7).

Os agrupamentos étnicos vindos da África que sobreviviam na senzala perpetuaram a manifestação da tradição oral africana no solo brasileiro. A tradição oral e a memória que não foram sufocadas com a condição escrava se manteve entre seus pares, e passou desde o Brasil colônia a ser a resistência e combate à opressão vivida na diáspora.

O colonizado ao manter sua memória e os fragmentos da tradição oral se mantinha em postura combativa, entre seus pares ele continuava a tradição e múltiplas memórias ampliavam novas tradições, pois novas experiências se agregavam com a escravidão. Assim, uma nova cultura, uma nova religião e uma nova tradição começava a nascer na diáspora.

Os saberes produzidos pelo colonizado, a partir de experiências vividas próprias da colonização, traz especificidades que apenas quem passou pela colonização pode compreender. O colonizador, não foi capaz de compreender a insurgência que se organizava no estabelecimento de uma “nova tradição” africana em terras brasileiras, mas que transmitida de geração em geração atravessaria os séculos aos dias atuais (BARROS; PEQUENO; PEDERIVA, 2018, p.9).

Para Barros, Pequeno, Pederiva, (2018) a colonização não se restringe ao território invadido, ela coloniza sobretudo o ser, o saber e o poder dos colonizados. A colonialidade/modernidade se caracteriza pelo brutal apagamento da consciência histórica dos invadidos, uma vez que a consciência histórica resulta na resistência aos processos de dominação, pois mantém a ligação ancestral com suas

culturas. Muito semelhante aos argumentos tecidos por Paulo Freire (2015, p. 48) a respeito da educação enquanto “invasão cultural”:

Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores.

9

Assim, os povos africanos em terras brasileiras sofreram mais do que a escravidão de seus corpos e de seu trabalho, tiveram sua cultura invadida, sofreram uma forma de agressão legitimada por uma educação doutrinária cristã que desconsiderava toda e qualquer visão de mundo trazida do continente africano e submetia aos africanos e africanas todo um sistema de valores que convinha aos interesses liberais da colônia portuguesa.

O autoritarismo marca as relações entre invasor e invadido, suas posições são claramente antagônicas. Os invadidos são coadjuvantes no processo, em que o comando é dado pelo invasor, que por sua vez profere palavras e regras, e o pensar sobre os invadidos, nunca com eles, numa relação antidialógica. (FREIRE, 2015).

Desse modo, a educação dos povos africanos no Brasil colônia se pautava pela aculturação e pelo autoritarismo. Os colonizadores determinavam a crença, a cultura e usavam de força física para alcançar seus objetivos mercantis de apropriação das terras objetivando o lucro provindo da mão-de-obra escrava. Os colonizados aprisionados em seus grilhões e maltratados por chibatadas mantiveram a memória e a cultura como formas de sobrevivência.

4 Considerações finais

O presente texto cumpre, portanto o seu propósito, possibilitou a compreensão da oralidade e da memória na tradição oral africana. A tradição oral vivida nas tribos Africanas e que ganha utilidade no ensino dos ofícios e das

histórias locais, fora trazida à força na memória de cada africano e africana que no Brasil colônia sob a condição de escravizados tiveram que se sujeitar.

Essa memória e oralidade africana, entrou em conflito com os parâmetros da colônia, em que havia que se submeter as ordens e as tarefas impostas, não havendo espaço para a escuta e para o diálogo. As etnias africanas não eram sequer incluídas pelos missionários portugueses em seus planos pedagógicos no Brasil colônia, o *Ratio Studiorum* conforme constata Saviani (2015) que visava a catequese dos povos indígenas cabendo aos escravos a construção e manutenção dos colégios, plantação de mandioca, milho e arroz.

Muitos escravizados, sucumbiram, no silêncio, na lágrima, no sangue e no açoite contudo a memória se manteve viva, se manteve resistente, entre seus pares, entre os agrupamentos étnicos que a escravidão forçosamente gerou, a oralidade e a memória sobreviveram, e viraram semente.

A semente da oralidade e da memória como forma de resistência se plantou na diáspora e hoje ela é ferramenta de ensino em templos religiosos afro-brasileiros, a tradição oral resistiu, resiste e ensina sobre as histórias e culturas ancestrais africanas.

Referências

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Educação pela tradição oral de matriz Africana no Brasil: Ancestralidade, resistência e constituição humana.** Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 26(91), 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A Tradição Viva.** In J. Ki-Zerbo (Org.) História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África (pp. 167-212). Brasília: UNESCO, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. Ed. Campinas – SP: Autores Associados, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 18. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre. Bookman, 2015.

ⁱ **Madelyne dos Santos Barbosa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5406-0178>

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará com pesquisa financiada pela agência de fomento CNPQ. Mestra em Educação (UFC). Pedagoga (UFC).

Contribuição de autoria: Autora principal do texto. Autora da tese de doutoramento que subsidia o artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8705480534010531>

E-mail: santos.madelyne@gmail.com

ⁱⁱ **Éden dos Santos Barbosa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9160-6790>

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Sociologia (UECE) Pedagogo (UFC). Graduado em Pedagogia pela UFC. Mestre em Sociologia pela UECE e Fotógrafo do Memorial da UFC.

Contribuição de autoria: Co-autor

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2042797449355012>

E-mail: barbosa.eden@gmail.com

ⁱⁱⁱ **José Gerardo Vasconcelos**, ORCID: <https://orcid.org/000-0003-0559-2642>

Professor Titular de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1997), Pós-Doutor em Artes Cênicas, pela Escola de Teatro, da Universidade Federal da Bahia (2002). Bacharel em Filosofia Política pela Universidade Estadual do Ceará (1989), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1993), Contribuição de autoria: em que esse autor colaborou com o texto.

Contribuição de autoria: Orientação

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1590976796851445>

E-mail: gerardovasconcelos.1964@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

BARBOSA, Madelyne dos Santos; BARBOSA, Éden dos SANTOS; VASCONCELOS, José Gerardo. Memória e oralidade, sementes da educação africana plantadas na diáspora. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.